http://journal.unoeste.br/index.php/ch
DOI: 10.5747/ch.2022.v19.h563
ISSN on-line 1809-8207

Colloquium Humanarum

MASCULINIDADES NA ESCOLA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Masculinities at school: integrative literature review

Masculinidades en la escuela: revisión integrativa de la literatura

Daniel Cerdeira de Souza[1], Fernanda Sousa Ferreira[2], Ingrid Mesquita Rodrigues[3]

Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Benjamin Constant – AM, Brasil.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar a literatura publicada no formato de artigos científicos entre 2015-2022, sobre as masculinidades no contexto escolar. Metodologicamente, o estudo consiste em uma revisão integrativa da literatura, com universo de 51 artigos. Os dados foram analisados descritivamente através de um instrumento denominado 'protocolo de RI' e posteriormente os achados foram submetidos ao procedimento de análise de conteúdo. Como resultados, foi possível construir sete categorias: 1) Performatividade de masculinidade na escola; 2) Professores/as e a normatização das masculinidades; 3) Homens professores; 4) Masculinidades negras na escola; 5) Violência nas escolas e masculinidades; 6) Homossexualidade masculina na escola; 7) Masculinidades alternativas na escola. A análise sugere que a performatividade de masculinidade na escola envolve aspectos como virilidade, força, mudanças corporais e comportamentos como o incentivo à prática de exercício físico. Na escola, o referencial de masculinidade é o cis-heterossexual-branco, e que a escola tenta produzir sujeitos masculinos a partir desse padrão, sem considerar que as situações de violência escolar são atreladas a este modelo. Professores homens não são bem vistos na Educação Infantil, pois o lugar de cuidado é generificado para mulheres e as masculinidades negras, bem como as masculinidades homossexuais são rechaçadas e negligenciadas por todo o corpo escolar. Por fim, conclui-se que é necessário a construção de masculinidades alternativas na escola, mas isso requer o compromisso de diversos atores sociais/políticos.

Palavras-chave: Gênero; Masculinidades; Escola; Exclusão social; Educação.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the literature published in the format of scientific articles between 2015-2022 on masculinities in the school context. Methodologically, the study consists of an integrative literature review, with a universe of 51 articles. The data were descriptively analyzed using an instrument called 'IR protocol' and later the findings were submitted to the content analysis procedure. As a result, it was possible to construct seven categories: 1) Masculinity performativity at school; 2) Teachers and the normalization of masculinities; 3) Male teachers; 4) Black masculinities at school; 5) Violence in schools and masculinities; 6) Male homosexuality at school; 7) Alternative masculinities at school. The analysis suggests that the performativity of masculinity at school involves aspects such as virility, strength, body changes and behaviors such as encouraging the practice of physical exercise. At school, the reference of masculinity is the cis-heterosexual-white, and that the school tries to produce male subjects based on this pattern, without considering that situations of school violence are linked to this model. Male teachers are not well seen in early childhood education, as the place of care is gendered for women and black

[1] Universidade Federal do Amazonas, Professor Adjunto, Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Líder do grupo de pesquisa Relações de Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos. ORCID id: https://orcid.org/0000-0002-2446-8244 E-mail: danielcerdeira@ufam.edu.br

[2] Universidade Federal de Pernambuco, Mestre em Psicologia, Grupo de pesquisa Relações de Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos. ORCID id: https://orcid.org/0000-0002-4228-887X E-mail: sousa.ferreira@ufpe.br

[3] Universidade Federal do Pará, Doutoranda em Psicologia, Grupo de pesquisa Relações de Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos. ORCID id: https://orcid.org/0000-0001-9723-8557 E-mail: rodriguesingrid.psi@gmail.com

masculinities, as well as homosexual masculinities are rejected and neglected by the entire school body. Finally, it is concluded that it is necessary to build alternative masculinities at school, but this requires the commitment of various social/political actors.
Keywords: Gender; Masculinities; School; Social exclusion; Education.

RESUMEN
El objetivo de este estudio fue analizar la literatura publicada en formato de artículos científicos entre 2015-2022 sobre masculinidades en el contexto escolar. Metodológicamente, el estudio consiste en una revisión integrativa de la literatura, con un universo de 51 artículos. Los datos fueron analizados de forma descriptiva utilizando un instrumento denominado 'protocolo IR' y posteriormente los hallazgos fueron sometidos al procedimiento de análisis de contenido. Como resultado, fue posible construir siete categorías: 1) performatividad de la masculinidad en la escuela; 2) Los docentes y la normalización de las masculinidades; 3) Profesores varones; 4) Masculinidades negras en la escuela; 5) Violencia en las escuelas y masculinidades; 6) Homosexualidad masculina en la escuela; 7) Masculinidades alternativas en la escuela. El análisis sugiere que la performatividad de la masculinidad en la escuela involucra aspectos como la virilidad, la fuerza, los cambios corporales y comportamientos como el fomento de la práctica de ejercicio físico. En la escuela, el referente de la masculinidad es el cis-heterosexual-blanco, y que la escuela trata de producir sujetos masculinos a partir de este patrón, sin considerar que situaciones de violencia escolar están ligadas a este modelo. Los maestros varones no son bien vistos en la educación infantil, ya que el lugar de atención está generizado para las mujeres y las masculinidades negras, así como las masculinidades homosexuales son rechazadas y desatendidas por todo el cuerpo escolar. Finalmente, se concluye que es necesario construir masculinidades alternativas en la escuela, pero esto requiere del compromiso de diversos actores sociales/políticos.
Palabras clave: Género; masculinidades; Escuela; Exclusión social; Educación.

INTRODUÇÃO

Diversos tratados internacionais entendem a educação como um direito social que deve ser garantido à sociedade de maneira a formar sujeitos sociais críticos para o exercício da cidadania, o que envolve não somente o desenvolvimento de habilidades para o trabalho, mas a apropriação do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade (Souza; Rodrigues; Ferreira, 2023). Diante dessa necessidade, a escola se tornou um lócus privilegiado para a promoção do direito à educação. Souza, Duque e Coelho (2018), ao estudarem as contribuições da Psicologia aos contextos educativos, discutiram que a escola é um lócus privilegiado de desenvolvimento humano e aprendizagem, de maneira que esta é uma das instituições sociais mais importantes da contemporaneidade, não somente pelo exponencial tempo em que as pessoas passam nela, mas por todas as possibilidades de sociabilidade e formação humana integral ofertadas ali.

Mas as escolas seguem determinadas práticas sociais e históricas que têm resultados diferentes dos esperados. Foucault (1996) defende que a escola é uma instituição disciplinar que, através de inúmeras práticas, tenta normatizar e regular a subjetividade dos sujeitos para que estes sejam submissos ao governo e ao sistema econômico. Bourdieu (1992) explica que a escolarização legitima e amplia as desigualdades sociais por meio de mecanismos de eliminação presentes nos critérios avaliativos, nos padrões de sociabilidade, no currículo, na gestão escolar, dentre outros. Além disso, a escolarização produz exclusão social baseada em características como raça, classe, gênero e afins, onde de alguns alunos se

espera o sucesso e de outros o fracasso. Nesse sentido, neste trabalho nos debruçaremos sobre a performatividade das masculinidades no contexto escolar.

As masculinidades se encontram dentro dos estudos de gênero, que aqui é entendido a partir do conceito de performatividade de Butler (2003), que é uma forma de repetição de significados sociais que tem como objetivo final nos tornar homens ou mulheres. Aqueles que performatizam o gênero conforme as expectativas que lhes fora atribuído ao nascer são chamados cisgêneros, os que rompem com tais perspectivas são chamados de transgêneros. A autora continua explicando que para que nossos corpos sejam legíveis e inteligíveis socialmente, eles precisam ser compreendidos a partir de uma matriz que envolve relações de coerência e continuidade entre sexo, identidade e expressão de gênero, desejo e prática sexual, todos apontando para uma lógica heterossexual e essa relação de continuidade compulsória, chamamos de heteronormatividade. De acordo com Januário (2016), as masculinidades são socialmente percebidas como construções feitas a partir de modelos culturais que impõem um padrão normativo que envolve a percepção de si enquanto sujeito masculino, seus desejos/vivências sexuais e sua expressão identitária, estando esse modelo sujeito a vigilância social constante.

Kimmel (1998) explica que existem vários modelos de masculinidade que são construídas em dois campos de relações de poder: nas relações assimétricas com mulheres baseadas em desigualdades de gênero e nas relações assimétricas com outros homens baseadas em marcadores sociais como gênero, raça, classe, etnia, sexualidade, idade, religiosidade etc. Butler (2003) explica que a heteronormatividade exige que homens busquem um ideal hegemônico de masculinidade que envolve virilidade, dominância e força, mas que não pode ser compreendida apenas pela ótica de gênero e precisa ser pensada juntamente com questões de raça, classe e afins. Connell e Messerschmidt (2013) classificam esse ideal de masculinidade no ocidente chamando-o de ‘masculinidade hegemônica’, essa sendo a forma mais honrosa de ser homem, baseando-se na ideia de liderança natural do homem heterossexual cisgênero branco. Ao retomar Kimmel (1998), observamos que o autor defende que o poder é frequentemente invisível àqueles homens por ele privilegiados, ou seja, o homem heterossexual cisgênero branco frequentemente não consegue perceber o quão privilegiado é em relação as mulheres e aos outros homens que não estão nessa posição.

Connell (1995) explica que além da masculinidade hegemônica, podem ser citados outros tipos de masculinidade estruturadas nas relações de poder do ocidente, como a masculinidade subordinada, que diz respeito à subordinação entre grupos de homens (como a subordinação de homens homossexuais a homens heterossexuais); a masculinidade cúmplice, que desfruta de certos privilégios advindos da masculinidade hegemônica sem defender publicamente esse projeto de gênero e a masculinidade marginalizada, que se refere a relações entre masculinidade, classes e grupos étnicos dominantes e subordinados, como por exemplo, as masculinidades negras, marginalizadas por sua condição social e pela colonialidade.

A escola tem como referência o homem adulto, branco, heterossexual, burguês, urbano e cristão, de maneira que esse é o ideal de cidadão que tal instituição objetiva formar (Junqueira, 2009). Diante disso, Louro (2000) explica que, na escola, as normas sociais baseadas em marcadores como raça, classe, gênero, orientação sexual, religião, etc., atuam de maneira explícita e implícita, na tentativa de normatizar os atores escolares a heterossexualidade cisgênera e branca. Todos aqueles que não se encaixam nessa direção são denominados 'outros' que são sujeitos a diversas violências e classificações patológicas. Dessa forma, segundo a autora, a escola trabalha com pedagogias da sexualidade, como sendo uma série de ações que têm como função disciplinar as subjetividades e os corpos ao ideal heterossexual de sujeito. Tal movimentação faz com que a escola não seja um lugar agradável aos alunos que não performatizam os ideais de gênero e nem fazem parte das classes sociais dominantes, o que torna esses alunos vulneráveis ao fracasso e evasão escolar.

De acordo com Junqueira (2009), para minorias sociais, como a de alunos homossexuais, a educação é organizada desconsiderando suas particularidades e vivências específicas, o que culmina em discriminações e exclusões. O processo de exclusão social é sutil e não se trata de uma falha do sistema, mas de um produto deste e isso naturaliza que alunos que não atendam a referência do homem heterossexual branco percebam que não são bem vindos na escola (Sawaia, 2001). Aliado a isso, Souza, Rodrigues e Ferreira (2023) explicam que diversas demandas sociais influenciam no fracasso e abandono escolar e dentre elas estão os estereótipos de gênero, que quando se encontram com demandas de classe, fazem com que alunos pobres sejam influenciados ao abandono escolar para a imersão no campo do trabalho para o sustento familiar, pois essa seria a principal responsabilidade do homem. Considerando o exposto até aqui, o objetivo deste estudo foi analisar a literatura publicada no formato de artigos científicos entre 2015-2022 sobre as masculinidades no contexto escolar.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O estudo consiste em uma revisão integrativa (RI), que trabalhou com dados teóricos e empíricos, seguindo o proposto por Whittemore e Knafl (2005), a partir dos seguintes passos:

1) Identificação do problema: O objetivo desta revisão foi analisar a literatura publicada no formato de artigos científicos entre 2015-2022 sobre masculinidades na escola. A escolha do recorte temporal se deu por conta do marco de mudanças políticas no Brasil a partir de 2015, o que culminou no impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, e consequentemente, na orientação de políticas neoliberais e conservadoras no país.

2) O segundo passo corresponde a coleta dos dados. Dessa forma, os passos da coleta neste estudo iniciaram-se na definição dos descritores de busca, sendo "Masculinidades" e "Escola" validados nos Descritores da Biblioteca Virtual de Saúde (Dec's BVS) (os descritores foram traduzidos para o inglês e espanhol). O portal utilizado para coleta foi o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Ensino Superior (CAPES), escolhido porque integra diversas bases de dados e proporciona acesso público

aos artigos científicos nacionais e internacionais, além do mais o portal apresenta estudos interdisciplinares, considerando que o tema da revisão pode ser estudado do ponto de vista da Saúde e das Ciências Humanas/Sociais/Saúde. A coleta foi realizada entre os dias 21 e 22 de dezembro de 2022. Os critérios de inclusão adotados foram: artigos publicados em revistas indexadas revisadas por pares sobre o tema da pesquisa, publicados em língua portuguesa, inglesa e espanhola, entre janeiro de 2015 a dezembro de 2022. Como critérios de exclusão, removemos artigos de revisão e outras formas de publicação (artigos de jornal, artigos de anais de eventos, artigos de jornais e outros veículos midiáticos não científicos, livros, dissertações, tese, editoriais, resenhas e afins). Com a aplicação dos descritores em Língua Portuguesa, emergiram 75 resultados. A coleta com os descritores em língua espanhola, foram coletados 48 resultados e com a aplicação dos descritores em língua inglesa, emergiram 1194

3) O terceiro passo correspondeu à avaliação dos dados coletados. Foi realizada a leitura dos títulos, resumos e palavras-chave dos 1317 resultados coletados e nessa etapa, foram excluídos 1231 resultados: seis por não estarem na forma de artigos científicos e 1230 por não apontarem para o tema desta revisão. Restaram então 81 artigos, que foram descritos em uma planilha do *Microsoft Excel* para a exclusão dos artigos repetidos entre os portais, onde foram excluídos sete artigos.

4) A quarta etapa diz respeito à análise e interpretação dos dados. Para essa etapa, restaram 74 artigos, os quais passaram por leitura completa. Para apoio na leitura, foi elaborado um instrumento, chamado “protocolo de RI”, que auxiliou na análise descritiva inicial dos artigos. Este protocolo baseia-se no estudo de Evans e Pearson (2001) e conteve: a pergunta da revisão, os critérios de inclusão e as estratégias de busca, assim descritos: i) a identificação (título do artigo, título da revista em que foi publicado o artigo, área do periódico, base de dados, ano e autores e país da publicação); ii) metodologia do estudo; iii) as principais considerações/resultados e pergunta da pesquisa e iv) um campo para que se justifique caso o estudo seja excluído da amostra final. Após a análise, o revisor deu seu parecer de “selecionado” ou “não selecionado” para cada artigo, seguindo o critério de relevância do estudo para a amostra e se ele contemplava a temática proposta de forma integral. Nessa etapa foram excluídos oito artigos, por não contemplarem o tema deste estudo.

O universo final desta revisão foi composto por 51 artigos. Quanto ao idioma em que os artigos foram publicados, 23 estudos foram publicados em língua portuguesa, 21 em língua inglesa e sete em língua espanhola. As áreas dos periódicos eram em sua maioria a área interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais e a área da Educação (ambas com 23 publicações), seguidas pela área da Saúde Pública e Psicologia (ambas com duas publicações cada) e por fim, a área da Educação Física apareceu com uma publicação. Fizeram parte deste universo de pesquisa artigos publicados no Brasil (24 estudos), Estados Unidos (13 estudos), Espanha e Inglaterra (três estudos de cada país), Colômbia e África do Sul (duas publicações de cada país), Portugal, Austrália, Suécia, Costa Rica e Peru (um estudo publicado cada país). Do ponto de vista temporal, seis estudos foram publicados em 2015, cinco em 2016, cinco em 2017, 12 em 2018, dez em 2019, cinco em 2020, cinco em 2021 e três em 2022. Também foi possível observar o método

dos artigos selecionados, onde a abordagem metodológica mais proeminente foi a qualitativa, com 39 publicações, seguida pela abordagem quantitativa, com cinco publicações. Um estudo era de abordagem quali-quanti, quatro eram ensaios teóricos, um era uma revisão sistemática e um outro era uma revisão narrativa da literatura. Na Tabela 1 é possível observar a caracterização dos artigos selecionados na revisão.

Quadro 1 - Artigos incluídos na revisão

continua

Artigo	**Revista/Ano/Método**
Performatizações dissidentes na escola: masculinidades precárias em discussão	Periódicus/2019/Quali
Jovens gays na escola: masculinidades, infância e narrativas	Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica/ 2019/Quali
"Queria ter nascido menina": descumprindo normas e masculinidades na escola	Revista Diversidade e Educação/2019/Quali
Agentes educadores y estereotipos sobre masculinidad: reflexiones para la formación de identidades masculinas alternativas	Perspectivas/2019/Revisão Sistemática
Adolescentes negros moradores das periferias urbanas do Rio de Janeiro: entre escola, gênero, masculinidades, raça, violência e vivências	Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero /2018/Quali
Famílias, masculinidades e racialidades na escola: provocações queer e decoloniais	Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade/2016/ Quali
Masculinidades e homossexualidade na perspectiva de jovens estudantes de escolas públicas e particulares de Erechim, Rio Grande do Sul	Revista Diversidade e Educação/2019/Quali
"Ele queria ser a cinderela": construções queer à leitura das masculinidades no ensino fundamental	Periódicus/2018/Quali
Eu virei homem!: a construção das masculinidades para adolescentes participantes de um projeto de promoção de saúde sexual e reprodutiva	Saúde e Sociedade/ 2016/Quali
Ninguém nasce homem, torna-se homem: as masculinidades no corpo e o corpo nas práticas curriculares das masculinidades	Periódicus/2015/Quali
La masculinidad en escuelas secundarias públicas de San Luis Potosí, México	Masculinities and Social Change/2018/Quali
'The age of school shootings': a sociological interpretation on masculinity	Actualidades Investigativas en Educación/2015/Ensio
Masculinidades e desempenho escolar: a construção de hierarquias entre pares	Cadernos de Pesquisa/ 2018/Quali
Violência e risco de suicídio na construção das masculinidades adolescentes	Cadernos Pagu/2018/Quali
Masculinidades e docência na educação infantil	Estudos feministas/ 2017/Quali
"Hemos aprendido que los hombres no son más importantes que las mujeres". Una investigación sobre la construcción de una escuela coeducativa en Cantabria (España)	Cadernos Pagu/2021/Quali
La coeducación en la escuela como modelo de socialización	EHQUIDAD. Revista Internacional de Políticas de Bienestar y Trabajo Social/2015/Ensaio

Quadro 1 - Artigos incluídos na revisão

continuação

Artigo	**Revista/Ano/Método**
La educación física en educación primaria: espacio de construcción de las masculinidades y feminidades	Retos/2020/Quali
Estado, sociedade e educação: a escolarização de corpos e mentes na produção de masculinidades e feminilidades	Espaço Acadêmico/2017/ Revisão Narrativa
Casa, rua, escola: gênero e escolarização em setores populares urbanos	Cadernos de Pesquisa/ 2015/Quali
¿Construyendo una masculinidad «alternativa» desde la escuela peruana? Una aproximación a la socialización masculina del joven en un colegio limeño de orientación alternativa	Debates em Sociología/ 2015/Quali
Adolescencia rural indígena, escuela y masculinidades	La manzana de la discórdia/2018/Quali
Longitudinal associations between features of toxic masculinity and bystander willingness to intervene in bullying among middle school boys	Journal of School Psychology/2019/Quanti
Para uma visão complexa do bullying homofóbico: desocultando o quotidiano da homofobia nas escolas	Ex aequo/2017/Quali
Gênero e pré-escola: experiências e estratégias de homens educadores de infância	Cadernos de Pesquisa/ 2022/Quali
Princess power: longitudinal associations between engagement with princess culture in preschool and gender stereotypical behavior, body esteem, and hegemonic masculinity in early adolescence	Child Development/ 2021/Quati
Masculinity and violence: gender, poverty and culture in a rural primary school in South Africa	International Journal of Educational Development/ 2021/Quali
Encontros nos territórios: escola, tecnologias juvenis e gênero	Cadernos de Pesquisa/ 2019/Quali
The bullied boy: masculinity, embodiment, and the gendered social-ecology of vietnamese school bullying	Gender and Education/ 2019/Quali
We don't play with gays, they're not real boys... They can't fight: hegemonic masculinity and (homophobic) violence in the primary years of schooling	International Journal of Educational Development/ 2016/Quali
Unspoken: exploring the constitution of masculinities in swedish physical education classes through body movements	Physical Education and Sport Pedagogy/ 2019/Quali
Challenging the pervasiveness of hypermasculinity and heteronormativity in an all-boys' school	The Australian Educational Researcher/2018/Quali
The education of escobar cruz: sports, identity and masculinity in middle school	Middle Grades Review/ 2018/Quali
Spatialising health work in schools – exploring the complex interconnection of space, health, physical education and masculinity	Nordic Journal of Studies in Educational Policy/ 2016/Quali
"Você é um ótimo profissional, não temos dúvidas, mas para minha escola não dá certo": o caso dos professores homens no município de Caruaru-PE	Revista Cocar/2020/Quali
Gender understandings among teachers and students: discourses from Delhi	South Asia Research/ 2018/Quali-quanti
Masculinities and femininities through teachers' voices: implications on gender-equitable schooling for vulnerable children from three primary schools in Swaziland	TD: The Journal for Transdisciplinary Research in Southern Africa/ 2018/Quali

Quadro 1 - Artigos incluídos na revisão

conclusão

Artigo	**Revista/Ano/Método**
Adolescent rampage school shootings: responses to failing masculinity performances by already-troubled boys	Gender Issues/2018/Quali
Relações de género e do corpo na escola: diretivas promotoras de culturas inclusivas para as práticas pedagógicas	Revista Cocar/2020/Ensaio
Traditional masculinity during the middle school transition: associations with depressive symptoms and academic engagement.	Journal of youth and adolescence/2017/Quanti
Gênero, infância e periferia	Cadernos de Gênero e Diversidade/2016/Quali
Bullying and attitudes toward masculinity in croatian schools: behavioral and emotional characteristics of students who bully others.	Journal of interpersonal violence/2021/Quanti
Promoção da igualdade de gênero nas aulas de educação física escolar no ensino fundamental	EDUCA-Revista Multidisciplinar em Educação/2015/Quali
Performatizações queer na educação física escolar	Movimento/2022/Quali
Visões preconceituosas e homofóbicas de estudantes do ensino médio.	TEXTURA-Revista de Educação e Letras/ 2020/Quanti
Challenging toxic masculinity in schools and society.	On the Horizon/ 2018/Ensaio
Understanding immigrant youths' negotiation of racialized masculinities in one us high school: an intersectionality lens on race, gender, and language	Sexuality & Culture/ 2020/Quali
Cheese boys' resisting and negotiating violent hegemonic masculinity in primary school.	Norma/2019/Quali
Exploring teacher and parent perspectives on school-based masculinities in relation to mental health promotion.	Frontiers in Psychology/ 2022/Quali
Boys and bullying in primary school: young masculinities and the negotiation of power.	South African Journal of Education/2021/Quali
"They write me off and don't give me a chance to learn anything": positioning, discipline, and black masculinities in school	Anthropology & Education Quarterly/2017/Quali

Fonte: Os autores.
Nota: Elaborado pelos autores a partir da revisão da literatura.

Para analisar os dados extraídos destes artigos foi utilizado o procedimento de Análise de Conteúdo. Esse procedimento organiza-se em três fases, segundo Bardin (2011): I) Pré-Análise: É a organização de todos os materiais utilizados na coleta dos dados (correspondente à organização e leitura dos artigos no protocolo). II) Exploração do Material: que consiste nas operações de codificação em função das regras que já foram previamente formuladas (após a leitura no protocolo, criou-se as categorias). III) Tratamento dos resultados: É a fase de análise propriamente dita, onde os resultados brutos serão tratados de maneira a serem significativos. Compreendendo a complexidade do tema, utilizamos ainda a interseccionalidade como ferramenta analítica. De acordo com Crenshaw (2002), a interseccionalidade diz respeito ao encontro de duas ou mais categorias sociais opressoras no mesmo corpo, ou seja, a mesma pessoa pode vivenciar, ao mesmo tempo, discriminações baseadas em gênero, raça, classe, dentre outras. A ferramenta se torna útil para analisar as experiências sociais de classes historicamente marginalizadas e é

amplamente utilizada nos estudos de gênero. A seguir, apresentamos as categorias de análise frutos da revisão.

RESULTADOS

1) Performatividade de masculinidade na escola

De acordo com Brazão e Dias (2020), as questões de gênero, sexualidade e do corpo são orientadas pelo padrão heteronormativo nos ambientes escolares, sustentado pela ideia de que na escola não se deve expressar o desejo ou exteriorizar o erotismo e que deverá haver mecanismos que controlem a sexualidade dos indivíduos. De acordo com Silva e Rios (2019), desde a infância, os corpos são lidos a partir de significados generificados ditos masculinos ou femininos e que os alunos representaram a masculinidade na escola como relacionada a não expressão de sentimentos e sociabilidade restrita entre grupos de meninos (Senkevics; Carvalho, 2015).

De acordo com Elliott (2018), a imagem da masculinidade que os jovens encontram na mídia, na cultura popular e até mesmo em livros didáticos e em demais aspectos do currículo escolar é reducionista e focada em aspectos da masculinidade tradicional, como força física, domínio e proeza heterossexual. Os que não se adequam a essa dicotomia sofrem diversos tipos de represálias e são vistos como inferiores (Garcia; Brito, 2022), o que molda sua forma de enxergar o mundo e a forma de ver a si mesmos (Toledo; Carvalho, 2018; Horton, 2019).

Nas instituições escolares existem normas silenciosas, mas rigidamente instituídas sobre a performatividade de masculinidade (Cristo, 2017; Brito; Couto Junior, 2019), principalmente nas escolas divididas por gênero (Gerdin; Ovens, 2016; Hickey; Mooney, 2018). De acordo com Caetano, Silva Junior e Hernandez (2014) tais regras invisíveis devem ser seguidas à risca, estabelecendo padrões coercivos e de vigilância. Alunos que não performatizam aspectos da masculinidade heterossexual tradicional desde a infância tendem a ser marginalizados, isolados e sofrem violências verbais e físicas por parte de seus pares (Brito; Couto Junior, 2019).

Na pesquisa de Silva e Angerami (2019), as representações sobre masculinidade construídas pelos alunos giraram em torno do sistema sexo-gênero heterossexual, de modo que o processo de socialização dos alunos na escola envolve uma baixa capacidade de compreender masculinidades que dissidam desse sistema. Na pesquisa de Vasconcelos *et al.* (2016), as representações de masculinidade trazidas pelos alunos foram divididas em aspectos como o corpo, as expectativas criadas em torno das mudanças corporais e as formas de sociabilidade que permite e às vezes incentiva que meninos sejam violentos entre si e violentos com as meninas.

Domínguez e Lozano (2018) também apontam a performatividade de masculinidade na escola ligada às práticas corporais, como as mudanças na voz e nos pelos, de modo que essas mudanças acabam interferindo na forma de se ver como homem, sendo considerado mais ou menos homem por conta de algum elemento específico. Os autores também explicam que nas escolas do México, as representações da

masculinidade apontam diretamente para tentativas de alcance de uma masculinidade branca tradicional, fruto de relações transgeracionais, onde os alunos aprendem com os professores mais velhos os valores necessários para serem considerados homens e nisso, acabam internalizando diversos preconceitos de gerações anteriores. Outras representações de masculinidade na escola são descritas por Silva (2019), quando a autora relata que a ideia de que os meninos têm habilidades natas na área de exatas e informática.

Rogers, De Lay e Martin (2017) explica que durante a transição do ensino médio, os estereótipos de masculinidade tradicional que enfatizam o domínio social podem se tornar particularmente relevantes para muitos adolescentes que estão tentando estabelecer seu lugar em um novo e mais complexo ambiente de grupo de pares. Chamorro, Verjel e Garnica (2019) contribuem a discussão explicando que a escola é uma catalisadora da normatização de gênero, o que dificulta a construção de identidades autênticas de alunos que dissidem das normas de masculinidades, o que faz com que essa instituição seja lembrada como fonte de traumas e sofrimentos para minorias sexuais/de gênero. Freitas e Baião (2019) explicam que a escola é aliada a discriminação e violência que os alunos que não se adequam as normas de masculinidade, fazendo proibições e punições que marcam a subjetividade das crianças, de forma que tais alunos podem entender que nunca encontrarão acolhimento ali, o que contribui para a evasão escolar.

2) Professores/as e a normatização das masculinidades

De acordo com Anand (2018), Brito e Couto Junior (2019) e Garcia e Brito (2022), é observado que professores/as geralmente apresentam posturas conservadoras em relação a performatividade de gênero, o que faz com que a atuação destes profissionais reforce estereótipos do que seria ser masculino no contexto escolar, o que faz com que crianças que rompem as normas de masculinidade na escola sejam negligenciadas e/ou esquecidas por parte destes profissionais no cotidiano. Silva e Rios (2019) explicam que na construção da identidade dos alunos, os/as professores/as atuam num sentido de normatizá-los ao sistema sexo-gênero heterossexual, onde os meninos dissidentes são ‘marcados e acompanhados de perto’ pela equipe pedagógica, sendo orientados a abandonarem interesses ditos femininos e sendo orientados a se interessarem por atividades ditas masculinas.

Motsa (2018) explica que a ausência de temáticas de gênero no currículo escolar deixa os professores sem opção a não ser recorrer às construções dominantes de gênero em suas práticas pedagógicas. Isso denuncia a fragilidade da formação desses profissionais e as limitações éticas, que têm impacto na normatização da subjetividade dos estudantes em relação ao gênero, mas também na construção de uma identidade negativa sobre si, caso este estudante não performatize aspectos da masculinidade tradicional (Brito; Couto Junior, 2019). Martins (2016) explica ainda que os/as professores/as têm muita dificuldade de pensar as crianças para a além de uma ótica dessexualizada e que se o aluno performatiza algum aspecto de gênero dissidente da heterossexualidade, ele passa a ser visto como

‘impuro’, o que influencia diretamente em tentativas de normatização das subjetividades que dissidem das expectativas heteronormativas direcionadas aos estudantes.

Na pesquisa de Freitas e Baião (2019), aos alunos os quais fora atribuído o gênero masculino que não se identificam com as atividades esperadas para este gênero foram agredidas verbal e fisicamente por professoras, que buscavam convencê-los a realizar atividades ditas masculinas como esportes e competições. Silva, Faria e Lins (2015) e Wilson *et al.* (2022) explicam que os principais aspectos de performatividade de masculinidade na escola são a inclinação para o esporte e o humor provocativo. De acordo com Joy e Larsson (2019), as aulas de Educação Física acabam sendo espaço para a regulação de masculinidade normativa. Gerdin e Ovens (2016) e Álvarez, Menéndez e Pérez (2020) corroboram com essa perspectiva ao explicarem que nas aulas de educação física, meninos e meninas são separados por gênero para realizar as atividades, assim os meninos são sempre levados a jogar futebol, o que acaba reforçando alguns estereótipos, na mesma medida que os que não se encaixam ou não tem afinidade com essa atividade são isolados.

Silva Junior, Caetano e Goulart (2018) explicam que é exigido das crianças, tanto pela família quanto pela escola, que se comportam, sintam/desejem e falem de forma específica, seguindo padrões do sistema sexo-gênero heterossexual e quando a escola encontra com uma criança que rompa com esse sistema, ela passa por diversos desafios na sua trajetória escolar, mas quando encontra professores preparados e abertos a diversidade, as crianças encontram espaço fértil para crescer e se desenvolver sua identidade de forma mais livre da normatividade heterossexual cisgênera.

3) Homens professores

Também foi possível colher dados em relação à masculinidade dos professores na escola, principalmente nas escolas infantis. De acordo com Jaeger e Jacques (2017), mulheres são mais aceitas como professoras do ensino infantil que homens por conta das normas de gênero que determinam que mulheres estariam biologicamente mais aptas ao cuidado e ao afeto na primeira infância enquanto os homens estão destinados a virilidade e a “educação de verdade”, que acontece a partir do ensino fundamental. Nesse sentido, homens são compreendidos como inapropriados ao ambiente escolar infantil, não sendo confiáveis pelas dúvidas em relação ao interesse de homens no cuidado infantil (os relacionando com a pedofilia).

Resultado parecido foi encontrado na pesquisa de Santos, Cruz e Marques (2022) em Lisboa. Na referida pesquisa é relatado que as escolas de educação infantil da cidade são de domínio feminino e os homens que atuam nesse contexto são constantemente lembrados que a educação infantil não é espaço para eles, visto que homens não seriam afetuosos e organizados, sendo, portanto, inapropriados para o ambiente escolar infantil.

De acordo com Silva e Lage (2020) homens que são professores da educação infantil sofrem diversas discriminações durante sua atuação profissional, de forma que a docência masculina na educação

infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, se encontra cercada por um conjunto de estereótipos, estigmas, que colocam em questão o exercício profissional dos professores homens e as instituições de ensino têm corroborado significativamente para manutenção desses sistemas de segregação, pois tem (re)produzido e muitas vezes ampliado essas fundamentações que tentam justificar a negação dos professores homens nesses níveis de ensino.

4) Masculinidades negras na escola

De acordo com Silva Junior e Borges (2018), as masculinidades negras são estereotipadas a partir da virilidade, rigidez e ignorância, de modo que o que se espera desses corpos é a violência e a baixa escolaridade e, nas instituições escolares, alunos negros são apagados como fruto do racismo institucionalizado. Quando observamos os estereótipos de raça interseccionados com questões de sexualidade, performatividade de gênero, classe e etnia, língua e linguagem, é relatado que, de acordo com Caetano, Silva Júnior e Goulart (2016), Vasconcelos *et al*. (2016), Martinez (2018) e Qin e Li (2020), a escola é marcada pela colonialidade não somente nos assuntos definidos no currículo escolar, mas em toda uma rede de significados que envolve a família e a comunidade, de modo que as religiões, a mídia, redes sociais dentre outros, moldam a ideia de que a 'felicidade' no contexto escolar é aquela associada à vida familiar heterossexual, monogâmica, nuclear e branca.

Silva Junior e Borges (2018) defendem ainda que quando o aluno é um homem negro de classe baixa, homo/bissexual que não performatiza aspectos da masculinidade tradicional, sua experiência escolar é marcada por diversos fatores discriminatórios, que dificultam sua trajetória, culminando por exemplo, em evasão escolar e em maiores dificuldades para o acesso ao ensino superior. Novamente, os professores apareceram nesta pesquisa como indispostos a lidar com os temas sensíveis a alunos negros, como o racismo, muitas vezes perpetrado pelos próprios professores.

De acordo com Allen (2017), as escolas são instituições que contribuem para que meninos negros construam um senso identitário distorcido sobre si. Os discursos da escola os posicionam como desviantes e anti-intelectuais, onde o marcador de raça faz a mediação de como os funcionários da escola interpretaram mal seus comportamentos, seus corpos são altamente vigiados e regulamentados e suas masculinidades são constantemente punidas pois os eventos disciplinarem são constantemente potencializados pelo racismo escolar.

5) Violência nas escolas e masculinidades

Mayeza e Bhana (2021) explicam que os meninos costumam ser identificados como agressores na escola. As masculinidades na escola primária sugerem que uma das maneiras pelas quais os meninos constroem a masculinidade hegemônica é por meio da violência e da marginalização das meninas e da feminilidade. Na pesquisa de Gereš *et al.* (2021) a violência na escola no formato de *bullying* foi associado a performatividade das normas de masculinidade tradicional, de forma que os meninos foram os que mais

cometeram *bullying*, de forma que a perpetração foi duas vezes maior em meninos do que em meninas, pois os meninos agressores (e os não agressores) expressaram maior apoio às normas tradicionais sobre qual seria o comportamento masculino apropriado, de forma que as principais vítimas de *bullying* são alunos que não performatizam as normas binárias de gênero (Neves; Batista; Levandoski, 2020).

Resultado parecido foi encontrado por Freitas e Baião (2019), no qual os autores explicam que os alunos que reproduzem a violência se sentem encorajados a perpetuá-la ao longo da trajetória escolar, compreendendo que é normal violentar quem cumpre as normas de masculinidade. Os estudantes ainda relataram que devido a essas violências, tentaram se auto normatizar na forma de andar, falar e agir, na tentativa de se aproximar de um suposto projeto de 'ser homem' (Brito; Couto Junior, 2019).

De acordo com Celis (2015), até 2011 foram registrados 76 tiroteios nas escolas dos Estados Unidos, onde todos foram perpetrados por adolescentes do gênero masculino. O autor explica ainda que o manuseio de uma arma funciona como uma representação de força e virilidade, onde esses mesmos atiradores sofreram *bullying* em relação a sua performatividade de masculinidade sem que a escola os acolhesse, de forma a se sentirem injustiçados. Assim, as ações dos atiradores podem ser vistas como forma de reivindicar ou de vingar a sua masculinidade diante de uma instituição que supostamente os desprezou como homens.

De acordo com Farr (2018), os estereótipos de masculinidade desempenham um papel importante nos tiroteios violentos de adolescentes em escolas, de maneira que os atentados funcionam como uma forma de se vingar de seus pares por conta de rejeições de seus colegas e injustiças imerecidas. Reafirmando sua masculinidade, os meninos ficam cada vez mais violentos em sua prática de gênero, podendo culminar em tiroteios na escola. Na pesquisa de Bhana *et al.* (2021), a violência perpetrada por adolescentes na escola está amplamente relacionada à pobreza e a falta de acesso a bens de consumo e direitos sociais.

6) Homossexualidade masculina na escola

De acordo com Domínguez e Lozano (2018), a homossexualidade masculina é duramente criticada e sofre diversas represálias na escola, de modo que os professores geralmente punem comportamentos que apontem para essa orientação sexual, já que segundo eles, tais comportamentos não seriam adequados a escola (Ingram *et al.*, 2019; Neves; Batista; Levandoski, 2020). Santos Silva e Menezes (2017) explicam que o *bullying* com teor homofóbico é presente no contexto escolar por conta da construção da masculinidade que reverbera nesse contexto, onde para homem é normal e necessário o uso de apelidos e piadas, além de questionar a heterossexualidade do colega como forma de afirmar a sua própria heterossexualidade.

De acordo com Santos e Dinis (2018) as principais queixas dos adolescentes homossexuais na escola são o julgamento que os outros meninos expressam sobre eles, o medo desses julgamentos, sentir-se diferente do que as pessoas supõem que eles são, sentir-se excluído do grupo ao qual pertenciam e a

obrigatoriedade de se “assumir” perante a escola e os colegas a partir da necessidade de se rotular e se auto identificar enquanto homossexual. De maneira geral, as discriminações por conta de sua orientação sexual dissidente na escola os colocam em risco aumentado para o suicídio. Bhana e Mayeza (2016), em pesquisa nas escolas sul-africanas, sugerem que estudantes pertencentes a classe de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT) enfrentam diversas situações de violência na escola, mas os meninos gays são mais odiados e são violentados das mais diferentes formas pelos estudantes que pensam e vivem de forma heteronormativa.

7) Masculinidades alternativas na escola

Vásquez (2015) explica que mesmo em escolas que tentam problematizar a masculinidade tradicional, os significados heteronormativos e violentos permanecem enraizados devido à cultura mais ampla que é reproduzida na escola. De acordo com Guevara (2018) e Linares e López (2021), para se construir masculinidades mais saudáveis na escola é preciso que a escola ofereça oportunidades de forma mais igualitária como, por exemplo, atividades esportivas e artísticas para ambos os gêneros, abrindo espaço para a naturalização das atividades sem os estereótipos que são construídos socialmente e, seguindo pelo mesmo caminho, se faz necessário que a família participe do dia a dia escolar, o que reúne dois núcleos muito significativos para a construção das masculinidades. De acordo com Domínguez e Lozano (2018), muitos estudantes não se sentem confortáveis em seu núcleo familiar para serem espontâneos e autênticos, precisando performatizar comportamentos forçados sobre o que seria ser homem. García (2015) explica que para que os estereótipos de masculinidades sejam desconstruídos, a escola precisa rever currículos, professores mais diversos que possam ser expressões dessa diversidade de gênero, raça, classe e orientação sexual.

Outro aspecto que auxilia na construção de masculinidades alternativas na escola foi descrito por Martins (2016), como sendo o brincar, que funciona de forma conflitiva demonstrando tanto rupturas quanto reafirmações da heteronormatividade e das categorias de gênero, de forma que as crianças encontravam brechas para expressar seu gênero dissidente nas brincadeiras livres e espontâneas de acordo com o universo simbólico ao qual a criança se identifica. Bhana e Mayeza (2019), ao estudarem um grupo de meninos que se recusavam a performatizar a masculinidade tradicional na escola, chamados '*Cheese boys*', observou que o grupo era marginalizado e sofria represálias de outros meninos na escola, sendo expostos ao abuso e violência física, emocional e verbal.

Coyne *et al.* (2021) explicam que os meninos que têm contato com possibilidades alternativas de performatividade de gênero na escola demonstram maior empatia às mulheres e demonstram menores performatividades do campo da masculinidade hegemônica, demonstrando mais seus sentimentos, tendo maiores habilidades interpessoais, e têm uma compreensão mais próxima da equidade de gênero no campo das oportunidades entre mulheres e homens. Brazão e Dias (2020) inferem que é importante conduzir a comunidade escolar a questionar os significados tradicionais de gênero através do

desenvolvimento de um currículo que contemple de maneira inclusiva a diversidade sexual com novos modelos de sociabilidade de masculinidade.

DISCUSSÃO

Os dados colhidos na revisão apontaram para diversos fatores relacionados às masculinidades no contexto escolar. De maneira geral, a primeira categoria, chamada 'Performatividade de masculinidade na escola' discutiu aspectos e significados sobre o que seria ser homem no contexto escolar. Encontramos significados relacionados a força e virilidade, como componentes essenciais de performatividade de masculinidade na escola, bem como as mudanças corporais advindas do período da puberdade/adolescência são tidos como componentes que dão significado ao padrão de masculinidade a ser alcançado e performatizado na escola. De forma geral, observamos que esse ideal de masculinidade aponta para o que Louro (2000), Butler (2003) e Junqueira (2009) discutem, quando as autoras e o autor discutem que os aspectos da heteronormatividade, dissipados na sociedade também se fazem presentes na escola, que exige dos alunos um contínuo entre sexo, identidade e expressão de gênero e desejo sexual heteronormativo.

Foi observado que a escola utiliza mecanismos visíveis e invisíveis que reforçam os estereótipos de masculinidade, esses mecanismos variam entre divisão de atividades por gênero, monitoramento de comportamentos e brincadeiras, repressões verbais e físicas, indo até a organização dos currículos escolares. Observa-se então a escola funcionando como uma instituição disciplinar descrita por Foucault (1996), mas no caso deste estudo, observamos que a meta de disciplina foi a generificada que aponta para o ideal de masculinidade hegemônica descrita por Connell e Messerschmidt (2013), ou seja, através de vários mecanismos, a instituição escolar tenta reforçar a ideia de liderança natural do homem branco heterossexual cisgênero. E aqui, podemos citar a segunda categoria construída no estudo: 'Professores/as e a normatização das masculinidades'. Essa categoria discutiu que professores/as apresentam dificuldades e resistências em lidar com a diversidade de gênero na escola, devido tanto a uma formação inicial de baixa qualidade em relação a temáticas de gênero e diversidade, devido aos seus próprios preconceitos, mas também por pressões conservadoras da instituição escolar (visto que professores também são colaboradores muitas vezes disciplinados e submissos ao sistema econômico). Mas se por um lado observamos que a atuação de professores reforça os estereótipos de masculinidade, também observamos que uma atuação acolhedora aos alunos dissidentes pode fazer com que eles construam uma identidade positiva sobre si.

A terceira categoria, denominada 'Homens professores', denunciou desafios para a atuação da docência por homens, principalmente na Educação Infantil. As perspectivas de gênero estipulam que as tarefas relacionadas ao cuidado não são de domínio masculino, portanto, quando um homem manifesta interesse em atividades do tipo, sua motivação é questionada e esse homem passa a ser visto como perigoso. Dessa forma, observamos os estereótipos de gênero criando espaços onde homens são ou não

bem-vindos, de forma que homens professores do ensino infantil são observados como rompendo a performatividade de gênero esperada para homens, o que os coloca em uma posição de constante vigilância em relação a sua masculinidade (Januário, 2016).

A categoria 'Masculinidades negras na escola' apontou para a colonialidade racista e histórica. Ora, o observado na revisão foi que de alunos negros se espera o fracasso escolar. De acordo com Santos (2014), a escravização criou diversos estigmas e mitos sobre homens negros, que passaram a ser caracterizados como irracionais, incivilizados e desprovidos de inteligência, humanidade e cultura e a revisão sugeriu que esses estereótipos racistas permanecem ativos nas escolas. Ademais, a interseccionalidade entre gênero, raça e classe potencializa a discriminação que alunos negros vivenciam na escola, tornando sua trajetória escolar repleta de desafios produzidos pela própria instituição escolar. Além do mais, os achados na revisão corroboram com o descrito por Connell (1995), quando a autora classifica as masculinidades negras como marginalizadas, visto que a escola manifesta pouco interesse em adentrar aspectos das culturas negras nos currículos escolares, por terem como padrão norteador o ideal de branquitude colonialista de vida.

Por conseguinte, a categoria 'Violência nas escolas e masculinidades' associou os cenários de *bullying* e atentados a tiroteios na escola aos estereótipos da masculinidade hegemônica descrita por Connell e Messerschmidt (2013), mas também apareceu associada a fatores como a pobreza. Dessa maneira, podemos compreender que somente os estereótipos de gênero não são suficientes para a compreensão dos fenômenos violentos na escola, antes, precisamos de um olhar que considere a complexidade interseccional da violência, considerando que homens são incentivados a serem violentos para resolver seus conflitos e isso funciona como uma forma de proteger/recuperar/reafirmar sua masculinidade. A revisão também sugeriu que a escola exerce um papel importante na naturalização da violência contra mulheres, visto que desde muito jovens, homens são ensinados que a subordinação feminina é algo comum e esperado.

Já a categoria 'Homossexualidade masculina na escola' sugeriu que alunos gays sofrem diversas violências durante a trajetória escolar, tanto por parte dos professores e técnicos educacionais, quanto por parte dos alunos e da comunidade escolar em geral. As violências as quais tais alunos são submetidos funcionam como forma de discipliná-los ao projeto heteronormativo de sujeito, mas no insucesso, tais violências reforçam a exclusão social de alunos LGBT, o que corrobora com Bourdieu (1992), quando o autor defende que a escola legitima, reproduz e reforça as desigualdades sociais, reforçando a heterossexualidade reservada ao local público e marginalizando homossexuais ao segredo. O *bullying* homofóbico foi citado como uma das principais formas de violência contra alunos gays na escola e são descritas por Louro (2000) como piadas e humilhações que atingem diretamente o senso auto-identitário das vítimas. Nesse sentido, na escola, minorias sociais vivem o chamado 'estresse social minoritário'.

De acordo com Meyer (2003), esse conceito discute que membros de um grupo social estigmatizado experimentam estressores sociais comuns em maior intensidade e vivenciam também

estressores sociais únicos devido a sua condição minoritária. O resultado da exposição contínua ao estresse tem como resultado: 1) ser vítima de rejeição ou violência por conta de sua orientação sexual ou performatividade de gênero dissidente da heteronormativa, 2) a construção de um senso de identidade negativo sobre si mesmo a partir do preconceito vivido no dia a dia (a chamada homofobia internalizada) e 3) a expectativa de ser discriminado a qualquer momento, o que está associado a auto monitoramento de comportamentos e a ocultação da orientação sexual (o sujeito tenta parecer o mais masculino e 'menos gay' o possível). Dessa maneira, a escolarização é associada a maior sofrimento psíquico a alunos dissidentes da heteronormatividade (Louro, 2000).

Por fim, a categoria 'Masculinidades alternativas na escola' denunciou a necessidade de se ressignificar o papel da escola no que diz respeito a reprodução de estereótipos de gênero, mas para que isso ocorra, é necessário que o olhar disciplinar da escola seja substituído pelo olhar interseccional, que reconhece diversas possibilidades de manifestações subjetivas sem condená-las, antes, acolhendo-as e fazendo do espaço escolar um espaço de encontros subjetivos diversos como defendido por Souza, Duque e Coelho (2018). Essa mudança requer a reestruturação de currículos na formação e sensibilização de professores para a diversidade sexual e de gênero, bem como a valorização dos conhecimentos e interesses dos alunos e da comunidade escolar na estruturação do currículo escolar, mas requer uma ressignificação do ideal de cidadão que a escola deseja formar, saindo de um ideal colonial hipermasculino branco, e indo de encontro à realidade diversa das masculinidades nas escolas, visto que existem diversas possibilidades de ser/estar homem, de acordo com Kimmel (1998).

CONCLUSÕES

O objetivo deste estudo foi analisar a literatura publicada no formato de artigos científicos entre 2015-2022, sobre masculinidades na escola. Foram analisados 51 artigos, que possibilitaram a construção de sete categorias de análise que discutem diversos fatores relacionados à performatividade de masculinidade na escola. Os dados apontaram para a escola funcionando como uma instituição disciplinar foucaultiana que utiliza de diversas estratégias visíveis e invisíveis para normatizar os corpos ao ideal de masculinidade heteronormativo branco. Alunos que dissidem dessa perspectiva sofrem diversas sanções e repressões ao longo de sua trajetória escolar, o que aumenta a vulnerabilidade dessa população para a evasão.

Professores foram citados como ora algozes e ora como vítimas dos estereótipos de masculinidade e de maneira geral, é relatado um baixo interesse dos professores em lidar com questões de gênero e sexualidade que não a heterossexual, o que acende o alerta para questionamentos sobre a qualidade da formação educacional nas universidades. Estaria essa formação reforçando e legitimando exclusões sociais no contexto escolar?

O olhar interseccional nos permitiu observar que aliado aos estereótipos de gênero, estão as questões de raça, classe, religião, etnia, orientação e demais categorias identitárias, que juntas atuam na

produção da violência escolar e na exclusão de meninos que não atendem os padrões tanto de cientificidade quanto de performatividade de gênero na escola.

Apesar de considerarmos que o estudo trouxe resultados que auxiliam na compreensão das relações de masculinidade na escola, as limitações do estudo também precisam ser citadas. Não encontramos dados que contemplassem masculinidades e deficiência e masculinidades trans. Os estudos sobre a deficiência no contexto da educação geralmente são norteados pela educação inclusiva com foco nos processos de aprendizagem, mas pouco podem contemplar a intersecção entre performatividade de masculinidade e deficiência, bem como as identidades trans ainda são fonte de tensionamentos intensos na escola, de forma que esta instituição muitas vezes produz a evasão escolar de alunos/as transgêneros por não conseguir ler e compreender suas manifestações identitárias. Desse modo, sugerimos pesquisas futuras que contemplem esses dois públicos.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Quaylan. “They write me off and don't give me a chance to learn anything”: Positioning, discipline, and Black masculinities in school. **Anthropology & Education Quarterly**, Nova Jersey, v. 48, n. 3, p. 269-283, 2017. Disponível em: https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/aeq.12199. Acesso em: 29 ago. 2023.

ÁLVAREZ, Iriana Sanchez; MENÉNDEZ, Carmem Rodriguez; PÉREZ, Omar Garcia. La educación física en educación primaria: espacio de construcción de las masculinidades y feminidades. **Retos**, Úbeda, v. 38, p.143-150, 2020. Disponível em: https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/article/view/74343. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.47197/retos.v38i38.74343.

ANAND, Meenu. Gender understandings among teachers and students: discourses from Delhi. **South Asia Research**, Newbury Park, v. 38, n. 3, p. 307-326, 2018. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0262728018799469#tab-contributors. Acesso em: 01 maio 2023. DOI: https://doi.org/10.1177/0262728018799469.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BHANA, Deevia; MAYEZA, Emmanuel. We don’t play with gays, they’re not real boys… they can’t fight: Hegemonic masculinity and (homophobic) violence in the primary years of schooling. **International journal of educational development,** Amsterdã, v. 51, p. 36-42, 2016. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0738059316302036. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1016/j.ijedudev.2016.08.002.

BHANA, Deevia; MAYEZA, Emmanuel. ‘Cheese boys’ resisting and negotiating violent hegemonic masculinity in primary school. **Norma**, Londres, v. 14, n. 1, p. 3-17, 2019. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/18902138.2018.1494402. Acesso em: 01 maio 2023. DOI: https://doi.org/10.1080/18902138.2018.1494402.

BHANA, Deevia; JANAK, Raksha; PILLAY, Daisy; RAMRATHAN, Labby. Masculinity and violence: Gender, poverty and culture in a rural primary school in South Africa. **International Journal of Educational Development**, Amsterdã, v. 87, p. 102509, 2021. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0738059321001620. Acesso em: 29 agosto. 2023. DOI: https://doi.org/10.1016/j.ijedudev.2021.102509.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRAZÃO, José Paulo Gomes; DIAS, Alfrancio Ferreira. Relações de género e do corpo na Escola: Diretivas promotoras de culturas inclusivas para as práticas pedagógicas. **Revista Cocar**, Belém, v. 14, n. 29, p. 61-72, 2020. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3347 . Acesso em 01 maio 2023.

BRITO, Leandro Teofilo; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Performatizações dissidentes na escola: masculinidades precárias em discussão. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 11, p. 284-302, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28893. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.9771/peri.v1i11.28893.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, Marcio Rodrigo Vale; SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da; HERNANDEZ, Jimena de Garay. Ninguém nasce homem, torna-se homem: as masculinidades no corpo e o corpo nas práticas curriculares das masculinidades. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 8-18, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12873. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.9771/peri.v1i2.12873.

CAETANO, Marcio; SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da; GOULART, Treyce Ellen Silva. Famílias, masculinidades e racialidades na escola: provocações queer e decoloniais. **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 25, n. 45, p. 127-143, 2016. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-70432016000100127&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 29 agosto. 2023. DOI: https://doi.org/10.2015/jan.abr.v25n45.010.

CELIS, Jorge. 'The Age of School Shootings': A Sociological Interpretation on Masculinity. **Actualidades Investigativas en Educación**, San José, v. 15, n. 1, p. 520-541, 2015. Disponível em: https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-47032015000100022. Acesso em: 01 maio. 2023.

CHAMORRO, Juan José Arias; VERJEL, Kathy Alejandra Navarro; GARNICA, Laura Daniela Ortega. Agentes educadores y estereotipos sobre masculinidad: reflexiones para la formación de identidades masculinas alternativas. **Revista Perspectivas**, San José de Cucuta, v. 4, n. 1, p. 14-22, 2019. Disponível em: https://revistas.ufps.edu.co/index.php/perspectivas/article/view/1751. Acesso em: 01 maio. 2023. DOI: https://doi.org/10.22463/25909215.1751.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt#ModalTutors. Acesso em: 01 maio. 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014.

CONNELL, Robert **Masculinities.** Berkeley: University of California Press, 1995.

COYNE, Sarah; LINDER, Jennifer Ruh; BOOTH, McCall; KEENAN-KROFF, Savannah; SHAWCROFT, Jane; YANG, Chongming. Princess power: Longitudinal associations between engagement with princess culture in preschool and gender stereotypical behavior, body esteem, and hegemonic masculinity in early adolescence. **Child Development**, Nova Jersey, v. 92, n. 6, p. 2413-2430, 2021. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34287828/. Acesso em: 01 maio. 2023. DOI: https://doi.org/10.1111/cdev.13633.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial.

Revista de Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-187, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt. Acesso em: 29 agosto. 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011.

CRISTO, Hélio Souza. Estado, sociedade e educação: a escolarização de corpos e mentes na produção de masculinidades e feminilidades. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 16, n. 188, p. 97-109, 2017. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/31911. Acesso em: 01 maio. 2023.

DOMÍNGUEZ, Daniel Daniel Solís; LOZANO, Consuelo Patricia Martínez. La masculinidad en escuelas secundarias públicas de San Luis Potosí, México. **Masculinidades y cambio social**, Barcelona, v. 7, n. 2, p. 124-152, 2018. Disponível em: https://www.hipatiapress.com/hpjournals/index.php/mcs/article/view/3329. Acesso em: 29 agosto. 2023. DOI: https://doi.org/10.17583/mcs.2018.3329.

ELLIOTT, Katheleen. Challenging toxic masculinity in schools and society. **On the Horizon**, Bingley, v. 26, n. 1, p. 17-22, 2018. Disponível em: https://www.proquest.com/docview/2035677851. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1108/OTH-11-2017-0088.

EVANS, David; PEARSON, Alan. Systematic reviews: gatekeepers of nursing knowledge. **Journal of Clinical Nursing**, Bethesda, v. 10, n. 5, p. 593-599, 2001. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11822509/. Acesso em: 29 agosto. 2023. DOI: https://doi.org/10.1046/j.1365-2702.2001.00517.x.

FARR, Kathyn. Adolescent rampage school shootings: responses to failing masculinity performances by already-troubled boys. **Gender Issues**, Berlin, v. 35, p. 73-97, 2018. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s12147-017-9203-z. Acesso em: 29 agosto. 2023. DOI: https://doi.org/10.1007/s12147-017-9203-z.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FREITAS, Claudia Jorge; BAIÃO, Jonê Carla. "Queria Ter Nascido Menina": descumprindo normas e masculinidades na escola. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 7, n. 2, p. 292-309, 2019. Disponível em: https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9611. Acesso em: 29 agosto. 2023. DOI: https://doi.org/10.14295/de.v7i2.9611.

GARCÍA, Jesús Yugueros. La coeducación en la escuela como modelo se socialización. **EHQUIDAD. Revista Internacional de Políticas de Bienestar y Trabajo Social**, Logroño, n. 4, p. 61-70, 2015. Disponível em: https://revistas.proeditio.com/ehquidad/article/view/938. Acesso em: 29 agosto. 2023. DOI: https://doi.org/10.15257/ehquidad.2015.0009.

GARCIA, Rafael Marques; BRITO, Leandro Teofilo. Performatizações queer na educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, p. 1321-1334, 2022. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/82502. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.82502.

GERDIN, Goran; OVENS, Alan. Spatialising health work in schools–exploring the complex interconnection of space, health, physical education and masculinity. **Nordic Journal of Studies in Educational Policy,** London, n. 1, p. 30158, 2016. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.3402/nstep.v2.30158. Acesso em: 29 agosto. 2023. DOI: https://doi.org/10.3402/nstep.v2.30158.

GEREŠ, Natko; ORPINAS, Pamela; RODIN, Urelija; ŠTIMAC-GRBIĆ, Danijela; MUJKIĆ, Aida. Bullying and attitudes toward masculinity in Croatian schools: Behavioral and emotional characteristics of students who bully others. **Journal of interpersonal violence**, Nova York, v. 36, n. 7-8, p. 3496-3513, 2021. Disponível em:

https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0886260518777011. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1177/0886260518777011.

GUEVARA, Lourdes Consuelo Pacheco-Ladrón. Adolescencia rural indígena, escuela y masculinidades. **La manzana de la discordia.** San Fernando, v. 13, n. 1, p. 69-76, 2018. Disponível em: https://manzanadiscordia.univalle.edu.co/index.php/la_manzana_de_la_discordia/article/view/6715. Acesso em: 29 agosto. 2023. DOI: https://doi.org/10.25100/lamanzanadeladiscordia.v13i1.6715.

HICKEY, Chris; MOONEY, Amanda. Challenging the pervasiveness of hypermasculinity and heteronormativity in an all-boys school. **The Australian Educational Researcher**, Sidney, v. 45, n. 2, p. 237-253, 2018. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s13384-017-0249-4. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1007/s13384-017-0249-4.

HORTON, Paul. The bullied boy: masculinity, embodiment, and the gendered social-ecology of Vietnamese school bullying. **Gender and Education**, London, v. 31, n. 3, p. 394-407, 2019. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09540253.2018.1458076. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1080/09540253.2018.1458076.

INGRAM, Katherine; DAVIS, Jordan; ESPELAGE, Dorothy; HATCHEL, Tyler; MERRIN, Gabriel; VALIDO, Alberto; TORGAL, Cagil. Longitudinal associations between features of toxic masculinity and bystander willingness to intervene in bullying among middle school boys. **Journal of school psychology**, Amsterdã, v. 77, p. 139-151, 2019. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31837723/. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1016/j.jsp.2019.10.007.

JAEGER, Angelita Alice; JACQUES, Karine. Masculinidades e docência na educação infantil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, p. 545-570, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/M9qfpLxghJxZPF7qxKDG59n/abstract/?lang=pt. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p545.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Masculinidades em (re)construção:** gênero, corpo e publicidade**.** Covilhã: Editora LabCom-IFP, 2016.

JOY, Phillip; LARSSON, Haka. Unspoken: exploring the constitution of masculinities in Swedish physical education classes through body movements. **Physical Education and Sport Pedagogy**, London, v. 24, n. 5, p. 491-505, 2019. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17408989.2019.1628935. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1080/17408989.2019.1628935.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (org.) **Diversidade sexual na educação:** problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p.103-117, 1998. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ha/a/B5NqQSY8JshhFkpgD88W4vz/?lang=pt. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007.

LINARES, Ângela Saiz; LÓPEZ, Noelia Ceballos. Hemos aprendido que los hombres no son más importantes que las mujeres. Una investigación sobre la construcción de una escuela coeducativa en Cantabria (España). **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 61, p. e216117-e216117, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/X7qXZ8nTrggy5cRjCqCXNtS/#ModalTutors. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/18094449202100610018.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARTINEZ, Eligio. The Education of Escobar Cruz: Sports, Identity and Masculinity in Middle School. **Middle Grades Review**, Orono, v. 4, n. 3, p. 1-5, 2018. Disponível em: https://scholarworks.uvm.edu/mgreview/vol4/iss3/3/ . Acesso em: 01 maio. 2023.

MARTINS, João Rodrigo Vedovato. Gênero, infância e periferia. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 2, n. 1, p. 11-19, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/16538. Acesso em 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/18094449202100610018.

MAYEZA, Emmanuel; BHANA, Deevia. Boys and bullying in primary school: Young masculinities and the negotiation of power. **South African Journal of Education**, Petroria, v. 41, n. 1, p.1-8, 2021. Disponível em: http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0256-01002021000100009. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.15700/saje.v41n1a1858.

MEYER, Illan. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychol Bull**. Bethesda, v. 129, n. 5, p. 674-697, 2003. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2072932/. Acesso em 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1037%2F0033-2909.129.5.674.

MOTSA, Ncamsile. Masculinities and femininities through teachers' voices: Implications on gender-equitable schooling for vulnerable children from three primary schools in Swaziland. **TD: The Journal for Transdisciplinary Research in Southern Africa**, Cape Town, v. 14, n. 1, p. 1-9, 2018. Disponível em: https://td-sa.net/index.php/td/article/view/540/900. Acesso em: 30 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.4102/td.v14i1.540.

NEVES, Francisco de Jesus; BATISTA, Erika de Souza; LEVANDOSKI, Gustavo. Visões preconceituosas e homofóbicas de estudantes do ensino médio. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, Canoas, v. 22, n. 49, p. 5-21, 2020. Disponível em: http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/4899/3663. Acesso em 30 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.17648/textura-2358-0801-22-4899.

QIN, Kogji; LI, Guogang. Understanding immigrant youths' negotiation of racialized masculinities in one US high school: An intersectionality lens on race, gender, and language. **Sexuality & Culture**, Berlin, v. 24, n. 4, p. 1046-1063, 2020. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s12119-020-09751-3. Acesso em: 30 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1007/s12119-020-09751-3.

ROGERS, Adam; DELAY, Dawn; MARTIN, Carol Lynn. Traditional masculinity during the middle school transition: Associations with depressive symptoms and academic engagement. **Journal of youth and adolescence**, Berlin, v. 46, p. 709-724, 2017. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27435597/. Acesso em 30 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1007/s10964-016-0545-8.

SANTOS, Daniel dos. Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica. **Universitas Humanas,** Brasília, v. 11, n. 1, p. 7-20, 2014. Disponível em: https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/universitashumanas/article/view/2923. Acesso em: 30 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.5102/univhum.v11i1.2923.

SANTOS, Hugo; SILVA, Sofia Marques; MENEZES, Izabel. Para uma visão complexa do bullying homofóbico: desocultando o quotidiano da homofobia nas escolas. **Ex aequo**, Lisboa, v. 36, p. 117-132, 2017. Disponível em: https://exaequo.apem-estudos.org/files/2017-12/07-hugo-m.-santos-sofia-marques-da-silva-isabel-menezes.pdf. Acesso em: 30 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.22355/exaequo.2017.36.07.

SANTOS, Maria Helena; CRUZ, Eduardo Ferreira; MARQUES, Antônio Manuel. Gênero e pré-escola: experiências e estratégias de homens educadores de infância. **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, v. 52, p. 1-19, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/PWYM5S9QkT6zMb3FFprZmbF/abstract/?lang=pt. Acesso em 30 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/198053148974.

SANTOS, Welson Barbosa; DINIS, Nilson Fernandes. Violência e risco de suicídio na construção das masculinidades adolescentes. **Cadernos Pagu,** Campinas, n. 52, p. e185218, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cpa/a/VsxkTpTQNZwcSqrGVNSNk7x/?format=pdf. Acesso em 30 agosto. 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/18094449201800520018.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão:** análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2001.

SENKEVICS, Adriano Souza; CARVALHO, Marília Pinto. Casa, rua, escola: gênero e escolarização em setores populares urbanos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 158, p. 944-968, 2015. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/3364. Acesso em 30 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/198053143364.

SILVA, Cristiane Gonçalves. Encontros nos territórios: escola, tecnologias juvenis e gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, p. 180-202, 2019. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/5323. Acesso em: 30 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/198053145323.

SILVA, Douglas Rosa de Souza; FARIA, João Paulo de Oliveira; LINS, Raquel Guimarães. Promoção da Igualdade de Gênero nas aulas de Educação Física Escolar no Ensino Fundamental. **EDUCA-Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 2, n. 4, p. 92-109, 2015. Disponível em: https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/1626. Acesso em 30 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.26568/2359-2087.2015.1626.

SILVA, Ivone Maria Mendes; ANGERAMI, Adriana. Masculinidades e Homossexualidade na Perspectiva de Jovens Estudantes de Escolas Públicas e Particulares de Erechim, Rio Grande Do Sul. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 7, n. 2, p. 178-196, 2019. Disponível em: https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9631. Acesso em: 30 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.14295/de.v7i2.9631.

SILVA, Juliane Costa; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Jovens gays na escola: masculinidades, infância e narrativas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, Salvador, v. 4, n. 11, p. 558-572, 2019. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5968. Acesso em: 30 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2019.v4.n11.p558-572.

SILVA, Marciano Antônio; LAGE, Allene Carvalho. "Você é um ótimo profissional, não temos dúvidas, mas para minha escola não dá certo": o caso dos professores homens no município de Caruaru-PE. **Revista Cocar**, Belém, v. 14, n. 28, p. 506-520, 2020. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3135 Acessos em: 01 maio. de 2023.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da; BORGES, Leandro da Conceição. Adolescentes negros moradores das periferias urbanas do rio de janeiro: entre escola, gênero, masculinidades, raça, violência e vivências. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 3-21, 2018. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/11888. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.9.i1.0001.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da; CAETANO, Marcio; GOULART, Treyce Ellen Silva. "Ele queria ser a Cinderela": Construções queer à leitura das masculinidades no Ensino Fundamental. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n.9, p.87-104, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/25783. Acesso em: 29 agosto. 2023. DOI: https://doi.org/10.9771/peri.v1i9.25783.

SOUZA, Daniel Cerdeira de; DUQUE, Andrews do Nascimento; COELHO, Ingrid Mesquita. Contribuições da Psicologia aos Contextos Educacionais. **RECH – Revista Ensino de Ciências e Humanidades**, Humaitá, v. 2, n.

1, p. 192-221, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/4763 Acessos: 01 maio. 2023.

SOUZA, Daniel Cerdeira; RODRIGUES, Ingrid Mesquita; FERREIRA, Fernanda Souza. Fracasso escolar: revisão integrativa da literatura. **Educação, Ciência e Cultura,** Canoas, v. 28, n. 1, p. 1-20, 2023. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/download/9807/pdf. Acesso em: 01 maio. 2023.

TOLEDO, Cinthia Torres; CARVALHO, Marília Pinto. Masculinidades e desempenho escolar: a construção de hierarquias entre pares. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, p. 1002-1023, 2018. Acesso em: https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/5496. Acesso em: 30 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/198053145496.

VASCONCELOS, Ana Carolina de Sena; MONTEIRO, Rosana Juliet Silva; FACUNDES, Vera Lúcia Dutra; TRAJANO, Maria de Fátima Cordeiro; GONTIJO, Daniela Tavares. Eu virei homem!: a construção das masculinidades para adolescentes participantes de um projeto de promoção de saúde sexual e reprodutiva. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 25, p. 186-197, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/DFdjy6ZkvLxTTVP8YBzPfVG/abstract/?lang=pt. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-12902016145555.

VÁSQUEZ, Luiz Rondán. ¿Construyendo una masculinidad «alternativa» desde la escuela peruana? Una aproximación a la socialización masculina del joven en un colegio limeño de orientación alternativa. **Debates en Sociología**, Lima, n. 41, p. 103-131, 2015. Disponível em: https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/debatesensociologia/article/view/14627. Acesso em: 01 maio. 2023. DOI: https://doi.org/10.18800/debatesensociologia.201502.005.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Katheleen. The integrative review: updated methodology. **Journal of Advanced Nursing**, Bethesda, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16268861/. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x.

WILSON, Michael; GWYTHER, Kate; SIMMONS, Magenta; SWANN, Ray; OLIFFE, John; CASEY, Kate; RICE, Simon. Exploring Teacher and Parent Perspectives on School-Based Masculinities in Relation to Mental Health Promotion. **Frontiers in Psychology**, Lausane, v. 13, p. 1-13, 2022. Disponível em: https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2022.864124/full. Acesso em: 29 ago. 2023. DOI: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.864124.

Submetido: 29/05/2023
Correções: 04/09/2023
Aceite Final: 12/09/2023